



SÁBADO, 29 DE AGOSTO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS - ANO VII - N.º 2068

## As palavras e os actos do presidente do ministério acerca dos deportados

Atingiu-se o máximo da insensibilidade: friamente, sem um estremecimento, sem uma indecisão, comentam-se actualmente os maiores crimes. Os seus autores são os governos e são as autoridades que pisaram a pé tódas as leis, calçaram todos os princípios de humanidade para praticarem tódas as torpes.

A política tem-se caracterizado por uma protecção excessiva às "fôrças vivas" e por um ódio vago e preguiçoso à classe operária. Daí os exploradores estar cada vez mais ricos e as classes operárias serem cada vez mais perseguidas. Deixou-se em paz o falsificador, o assambador para se perseguir as suas vítimas.

O caso das deportações é flagrante. Vence-se o movimento de 18 de Abril, esse movimento que teve contra si a hostilidade das classes trabalhadoras que bastante concorreram para o seu fracasso. E depois dessa vitória os insurretos foram tratados com tal suavidade que só não fugiram das prisões os que não quizeram, e os operários com tal rigor que a maior parte dos militantes operários foram arremessados para os calabouços do governo civil.

Assassinou-se presos, fusilando-os noite alta, em ruas ermas. Um deles estava quase cego! E, cincicamente, afirmou-se que os presos queriam fugir.

O regime da incomunicabilidade, que nunca pode ultrapassar 48 horas, chegou a atingir 100 dias. Ninguém pode estar preso mais de 8 dias sem culpa formada e ainda se encontram detidas pessoas que há 4 meses foram privadas da sua liberdade.

Espalharam-se presos nas esquadras. E alguns deles devido às agressões encontram-se tuberculizados! Os seus ferimentos ainda não foram curados.

Organizaram-se processos fantásticos no Governo Civil. E, sem outras indicações que as fornecidas por um chefe da polícia de investigação, por um chefe estúpido e mau, deportaram-se homens para as plagas de Cabo Verde e da Guiné. Desses deportações nem foram excluídos os doentes. Alguns deles foram em braços ou de maca para bordo dos navios. Tudo isso se fez com uma pressa febril, não se dando sequer consentimento para os deportados se despedirem de suas famílias e poderem receber delas roupas e algum dinheiro.

O operariado de todo o país protestou—e o governo fez ouvidos de mercador. Instituições liberais como a Liga dos Direitos do Homem flagelaram a iniquidade cometida—e o governo não respondeu.

Artistas, pensadores, jornalistas, escritores, médicos, advogados, professores condenaram esta infâmia—e o governo não deu a menor consideração aos protestos dimanados das fôrças do espírito e da inteligência.

Vem o sr. Domingos Pereira substituir no poder o governo dêsse leproso de espírito que é António Maria da Silva. Diante das prisões sem culpa formada declara que seriam postos em liberdade todos os que estivessem nessa situação. E os presos ainda continuam nas esquadras. Afirmou que não consentiria perseguições—e elas continuam. Assegurou que os deportados regressariam—e elas continuam na Guiné e em Cabo Verde.

O sr. Domingos Pereira é um homem liberal em promessas; nos actos não destrói os que Vitorino Godinho praticou. E' uma estranha duplidade esta. E o que é mais grave é que esta duplidade está fazendo vítimas. A Guiné é hoje o cemitério trágico de três deportados. Se o sr. Domingos Pereira continua com a sua inexplicável inércia a Guiné será o cemitério de todos os deportados. Para a metrópole, regressarão cadáveres. A não ser que o sr. Domingos Pereira não tenha mandado vir os deportados por estar convencido de que possui o dom de ressuscitar os mortos!

As famílias dos deportados reúnem-se hoje, pelas 12 horas, à porta do ministério do Interior para irem realizar uma "démarche" junto do

## A nova tática de Abd-el-Krim perante os manejos dos imperialistas franceses e espanhóis

Está plenamente confirmado que a "grande vitória" anunciada pela imprensa francesa e de que a portuguesa se fez eco, apenas foi um "bluff" descarado.

Os franceses tornaram a ocupar com efeito a região de Tsouls e aceitaram a submissão dum certo número de tribus que cederam com receio de verem destruídas, por vingança, as suas aldeias, as suas searas e os seus bens. Mas as forças rifeiras não sofreram o mínimo desastre.

E o que o jornal *L'Éclair* explica, confessando ao mesmo tempo que esta atitude não agrada lá muito ao alto comando francês.

"Em vez de se agarrarem desesperadamente ao terreno, como antigamente, e de só cederem depois de nos terem infligido o maior número de perdas possível, o inimigo não aceita o combate.

Esta atitude incomoda o comando pois não pode empregar-se a fundo, e se por um lado é confirmado que as perdas francesas foram nulas por outro confessa também que as do inimigo foram relativamente fracas.

O recuo do adversário permite-lhe também ganhar tempo, obrigando-nos a fazer um compasso de espera para organizar defensivamente o território recuperado e preparar uma nova linha de partida."

Quere dizer: dentro em pouco recomendarão as hostilidades. Será então a vez da grande ofensiva presidida por Pétain e que segundo os dizeres do Estado Maior e de Painlevé, deve acabar antes do inverno.

No entanto se a próxima ofensiva tiver o mesmo sucesso que esta última, os franceses ainda terão que se cançar um bocado.

Com toda a certeza haverá uma campanha de inverno, pois de 15 de Setembro em diante o clima de Marrocos não permite a execução de operações ativas.

E no entanto Abd-el-Krim preparará certamente os franceses uma daquelas surpresas em que ele é mestre incontestável.

### Lá vai o Primo...

MADRID, 28.—O general Primo de Rivera que conferenciou hoje largamente com Afonso XIII, parte para Marrocos dentro de 4 ou 5 dias.

### Os aviões americanos

FEZ, 26.—A esquadra de aviões norte-americanos partiu esta manhã para África do Sul.

### Uma ocupação francesa

RABAT, 28.—As tropas francesas ocuparam por completo a região de Brane.

## Mais um padre que quiz atentar contra a inocência duma pobre criança

Continue "As Novidades" a defender os ministros divinos que são humanos e frágeis como os demónios...

Ainda o famoso padre Mesquita, de Castelo, Pessoas mercedoras de todo o crédito enviaram-nos a seguinte informação que vem corroborar tudo quanto aqui temos relatado daquele ministro de Deus:

Há já algum tempo uma menor, filha de Maria Felizarda, foi por mandado de seu avô Norberto Jerónimo a casa do padre Mesquita pedir uma onça de tabaco emprestada. O padre levou-a para o quarto da cama dele que com certeza era bem melhor do que a dela. A pequena, nessa altura, recusou-se mas ele lá a convenceu. Depois fez-lhe várias propostas desonestas àquela pequena resistiu.

Então o padre para que ela mais facilmente se submetesse às suas exigências ofereceu-lhe um anel de ouro.

A pequena continuou resistindo, alegando que não aceitava o anel de forma alguma, e principalmente por não poder explicar a mãe quem lho tinha dado.

O padre Mesquita não desanimou e servindo-se das artimanhas que lhe são peculiares engendrou logo a seguinte alegação: que, quando a mãe a mandasse à lenha, ela declarasse que o tinha achado, e assim justificava a proveniente do anel. A rapariga a-pesar de muito nova continuou recusando ceder aos desejos do padre. Mas este abusando da sua fé religiosa ameaçou-a de a excomungar caso ela não se prestasse ao que ele lhe propunha.

A excomunhão dêsse célebre padre será feita dêsse modo patuço: à hora da missa inspira para o chão e esse cuso seria pisado a seus pés. Quando isso se desse ela estaria excomungada!

E as "Novidades" ainda ousoam afirmar que a educação religiosa é a mãe de tódas as virtudes? É possível...

### O PACTO DE SEGURANÇA

PARIS, 28.—O embaixador alemão entregou no ministério dos negócios estrangeiros a resposta do seu governo à recente nota do sr. Briand, sobre o pacto de seguran-

## A Sociedade das Nações sabe que se exerce escravatura nas colónias portuguesas e os nossos patriotas querem ocultar o que toda a gente conhece

Quando há dias o sr. Armando Cortezão, colonialista cujos méritos já encarecemos bastante nas colunas deste jornal, proclamava do alto das colunas do *Diário de Notícias* que nas colónias portuguesas não existia escravatura, nós contradissem-lo e fomos avisando de caminho que não tardaria muito que o caso tomasse foros de escândalo internacional. Não nos enganemos. Na Sociedade das Nações existe já muita documentação, das mais variadas provéncias, confirmando que realmente existe escravatura nas colónias portuguesas.

O correspondente do *Diário de Notícias* em Paris já lançava ontem o alarme: o caso começa a ser falado nos meios internacionais, e os patriotas ao notarem que as barbaridades cometidas em África, perante toda a gente, são conhecidas na Sociedade das Nações — em vez de confessarem nobremente a verdade e de fazermos o possível por remediar o mal — insinuam que se trata ora de manejos dos alemães, ora dos ingleses ou dos americanos que desejam roubar as colónias a esta nação pequena mas gloriosa.

As negociações que se realizam entre os países da Sociedade das Nações terão possivelmente erros de detalhe, mas não tem seu todo.

Porque, examinada a legislação colonial portuguesa que é aparentemente boina, chega-se a esta conclusão: o indígena quer queira quer não, é obrigado a trabalhar, as autoridades podem ir arrancar as suas palhotas o negro e obrigá-lo a trabalhar para o Estado ou para um patrão particular. E quando um homem não é livre de alugar os seus braços, é implicitamente um escravo sujeito a receber em troca dum trabalho forçado aquilo que lhe quizerem dar — ou não receber um centavo se ao patrão assim lhe aprovou.

Mais: examinam as condições de trabalho nas grandes companhias concessionárias, como a do Nyassa ou a de Moçambique. Elas, que roubam o Estado, que mandam mais do que o Estado, que são senhoras de territórios enormes, que, quando lhes apetece, arrazam aldeias, e obrigan o negro a trabalhar sob a ameaça da violência e da fome — que exercem senão a escravatura? Vá-haja a coragem de confessar que não receber um centavo se a um patrão assim lhe aprovou.

Portanto, é melhor pormos de parte essa

habilidade de se atribuir à má fé dos grandes países da campanha internacional levantada contra os maus tratos dados aos negros nas colónias portuguesas. E' possível que no meio de tudo isto haja alguma situação que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom colonizador. O homem

que pretenda pescar nas águas turvas... mas não serve esse facto para transformar em liberdade o regime vexatório de escravatura e de abandono a que os indígenas das nossas colónias estão submetidos.

Tudo quanto se diga em abono do gênio colonial dos portugueses é uma verdadeira cantiga para embalar papavilos. O português, economicamente, não sabe aproveitar a sua terra, mentalmente não extinguiu nem tenta extinguir o analphabetismo, industrialmente vegeta das pautas alfandegárias. Como há de ele manifestar em África qualidades que não sabe desenvolver na terra onde nasceu? Só um povo culto, dotado das qualidades de energia e tenacidade que em Portugal não existem poderia ser bom





# A BATALHA

## A crise na Construção Civil

Vão ficar sem trabalho 3000 operários?

Há meses que a Bóla de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil juntamente com o Sindicato Único da Construção Civil vêm tratando, junto do governo e da Câmara Municipal de Lisboa, da crise de trabalho na indústria e até hoje nada tem conseguido, a não ser a entrada de alguns operários nas obras do Estado mas em tão diminuto número que a situação 'nem ligamente se modifica.

Os delegados deste organismo ainda conseguiram, com bastante esforço, do ministro do trabalho um empréstimo de 1500 contos à Caixa Geral dos Depósitos para as obras da Maternidade, afim de conseguirem a admissão de mais operários e acabamento daquele edifício que vem beneficiar as classes pobres.

Apesar disso aquelas obras ainda não se iniciaram devido à temosia do ministro das finanças que só quer dar 150 contos de iniciativa atuando que depois entregará o resto.

Por sua vez o presidente da Junta Autonoma da Obra não quer assumir responsabilidades com os fornecedores e empreiteiros sem ter à sua disposição, na Caixa Geral dos Depósitos, a verba competente.

E assim temos uma obra paralisada devido à temosia dum ministro.

Junto da Câmara Municipal realizaram os delegados destes organismos bastantes *demarches*, tendo, por último, entregue no dia 16 do corrente uma nova representação sobre a crise de trabalho. 9 dias depois essa representação desapareceu, reaparecendo dois dias mais tarde na gaveta da secretaria dum funcionário.

Este organismo esforçou-se bastante para conseguir deitar a crise do trabalho na província, só conseguindo a colocação de operários em Seixal, Sintra e Extremoz.

Apesar de se ter conseguido uma verba de 1000 contos para os trabalhos das obras do pôrto da barra de Viana do Castelo e de se afirmar que esses trabalhos recomparam ao princípio do mês corrente, até hoje eles ainda estão paralisados.

Por este relato se pode aquitilar que os governantes não prestam a menor atenção a situação angustiosa em que se debatem os sem trabalho. Se a crise de trabalho continuar sob este aspecto, no próximo mês de Desembro haverá cerca de 3000 operários sem ocupação.

Se os operários da construção civil não tomarem em devida conta a situação que se atravessa dentro em breve dias piores, dias bem negros surgirão ameaçadores para o seu pão e o de suas famílias.

**Congresso Confederal**  
Os rurais de Sêda aderem ao Congresso, a pesar do seu sindicato ser recente

SÊDA, 25. — Na sede da Associação dos Trabalhadores Rurais efectua-se hoje uma sessão de propaganda do Congresso Confederal.

Usou da palavra Aleixo de Oliveira, delegado da C. G. T., que encareceu a utilidade para a classe rural do seu VI congresso corporativo, chamando a atenção para as teses já publicadas em *A Batalha* pela Federação Rural. Seguidamente refere-se à efectivação do Congresso Confederal cuja importância depende do número de Sindicatos que nele se façam representar.

Resolveu-se dar a adesão aos congressos rural e confederal, sendo nomeado delegado Alfredo Bronze. — E.

## HORARIO DE TRABALHO

Na Sociedade das Aguas da Serra Lda.

SINTRA, 27. — Dissemos ontem que o proprietário desta sociedade exerce uma exploração infame sobre as mulheres e menores.

O sr. Marques é que não ficou satisfeito, e queria saber quem tinha enviado a notícia pois que paga muito bem ao seu pessoal feminino, ao qual dá 4000 em oito horas, e mais 2000, em duas suplementares, o que presta 6500 nas 10 horas.

Como só se não pode ser mais generoso. A lei é cumprida, isso é verdade, mas os salários também devem, na verdade, chegar para morrer de fome. — C.

**As disposições legais**

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, **sendo o seu preço avulso de \$50.**

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

**Pedidos à administração de A BATALHA.**

**A revolta na Síria**

PARIS, 28. — Um comunicado oficial confirma ser bastante crítica a situação das tropas francesas na Síria.

Os círculos militares supõem ser necessário o envio de importantes reforços para dominar a revolta. — (L.)

**Comissão pró presos por questões sociais**

Esta comissão tem recebido desde 1 de Junho até à presente data as seguintes importâncias: Cotização entre os carpinteiros que trabalham nas obras do novo Manicômio de Lisboa por conta do conselho técnico da construção civil, 577\$50.

Secção profissional dos carpinteiros da construção civil, percentagem da cobrança da sede, 35\$20.

Cotização entre os pedreiros e serventes que trabalham nas obras do novo Manicômio por conta do conselho técnico da construção civil, 35\$25.

Idem dos carpinteiros da mesma obra, 56\$30.

## A luta em prol da emancipação humana

E' verdadeiramente grande e feroz a batalha que a humilhação tem travada entre si.

E' digna das mais grandiosas epopeias. E' a luta do ontem e da amanhã; é o eterno conflito entre a autoridade e entre a liberdade; é a nunca acabada guerra entre o explorado e o explorador; entre o antigo e o moderno, entre a vida e a morte.

E' terrível, é imponente. Porém quem vencerá? O triunfo não é duvidoso. Sómente triunfará aquele a quem assiste a razão e a justiça.

A razão, base de todo o equilíbrio humano, impõe-se pela sua lógica esmagadora. Por isto triunfarão os que estão assistidos dela.

Senão olhai, olhai aos grandes homens e aos grandes tiranos; comparai os seus feitos e as suas teorias; e vereis que ainda que os primeiros foram vitimas dos segundos; ainda porque os segundos tiveram toda a força pelo seu lado, nem por isso o seu reino se livrou da morte, triunfando por cima deles a razão.

Os tiranos, hoje, jazem no esquecimento e os seus reinos também.

O contrário tem sucedido com os homens de talento e de bondade. Estes, a pesar dos martírios, das perseguições e vitórias de que foram vitimas, têm triunfado, e a humanidade tem feito viver as suas ideias e com elas os seus nomes através dos tempos e do espaço, demonstrando assim que não é debaque que se trabalha e se morre pela liberdade.

Ineficientemente, porém, os homens que governam e os que são governados, também não apercebem disto. Para eles a experiência nada diz.

Somente a sua estúpida crença, o seu egoísta interesse de classe, o instinto de conservação são o móbil que os faz cerrar os olhos à verdade e à razão aceitando as coisas tal como são e procurando sólamente achar a razão.

Por último, certas enfermidades, certos receios e certas privações que hoje sofrem, não as sofreriam, pois viveriam de harmonia com a natureza; e não existiriam estes rebeldes, estes descontentes, estes revolucionários que constantemente ameaçam tirar-lhes as suas vidas e os seus privilégios, visto que não existiria nem a escravidão nem a desigualdade que faz dos homens fámitos e desgraçados.

Porém, não ouvem, ao longe... Eles organizam-se como podem. Pois quando os metralhados sejam bastantes, os fumintos os suficientes e os descontentes formem legião potente para destruir este edifício cheio de vícios e de crimes, então o progresso, qual furacão, derrubará este edifício, arrasando-o, sepultando sem piedade, nos escombros, os seus defensores.

E' o eterno fluxo e refluxo da vida; e o novo tempo que secula o velho é como a planta que nasce, floresce, dá fruto e morre deixando lançada a nova semente, que dará dobrada vida e dobrado fruto; são os modernos valores que, plenos de vitalidade e exuberantes de seiva e beleza, abrem caminho por entre os velhos, impondo-se-lhes e enterrando-os para sempre.

E' isto. As leis que regem o universo são as que regem toda a vida, e elas são as que molda a vida a seu gosto, sem que ninguém tenha a força suficiente para opor-se aos seus desígnios.

Pois, interpor-se-lhes, é o mesmo que se um passar se interpusse e quisesse com o seu corpo dêbil deter um combóio em marcha.

As leis evolutivas e transformativas fazem evolucional e transformar incessantemente as coisas, mudando sempre o meio. E como vós, pobres cegos! vos agarráis ao passado, sem vos aperceberdes que o passado morre, morrereis porque não poderes adaptar-vos ao meio e este acabará por vos.

Tanto mais que ela é o fruto do raciocínio. E como todos os homens podem raciocinar, eis o facto porque o próprio verduro é suscetível de conceber a mesma ideia da sua vítima. Por isto, o luminoso ideal libertário mil vezes perseguido, para não dizer sempre, tem triunfado dos seus perseguidores, surgindo cada vez mais brilhante, mais humano, e afirmando-se sempre mais e melhor.

E' como os raios do sol que penetram

em toda a parte por mais obstáculos que antepõem.

Quando não a deixam entrar livremente, a ideia deslisa como deslizam os raios solares através das fendas e dos embaraços os veus que a religião, o Estado, etc., antepõem por toda a parte; iluminando com a sua luz os cérebros obscuros e aquecendo os corações que o sofrimento havia esfriado e tornado insensíveis.

Nascida na dor, crescia na dor e vivendo na dor, é a ideia que pelo seu peso esmagaria as outras.

Ela penetrou nas catedrais, palácios, púlpitos, cárceres, e se fez universal.

Quantos homens não têm dado sua vida por ela!

Conta com inumeráveis vítimas que gosamente deram a sua vida para exemplo aos outros.

Porém, quanto ganham seus inimigos opondo-se, ao seu advento? Que benefícios colhem disso? Nenhum.

Porque, se é bem certo que na actual sociedade gosam de uma elevada posição social, para que consigam riquezas e honrarias e desta maneira disfrutar materialmente de uma vida regalada, nem por isso sofrem privações na outra sociedade que nós vislumbramos, posto que nela todos terão garantido um lugar no banquete da vida. E poderiam viver mais nobremente, como homens e não como feras, como hoje vivem.

Por último, certas enfermidades, certos receios e certas privações que hoje sofrem, não as sofreriam, pois viveriam de harmonia com a natureza; e não existiriam estes rebeldes, estes descontentes, estes revolucionários que constantemente ameaçam tirar-lhes as suas vidas e os seus privilégios, visto que não existiria nem a escravidão nem a desigualdade que faz dos homens fámitos e desgraçados.

Porém, não ouvem, ao longe... Eles organizam-se como podem. Pois quando os metralhados sejam bastantes, os fumintos os suficientes e os descontentes formem legião potente para destruir este edifício cheio de vícios e de crimes, então o progresso, qual furacão, derrubará este edifício, arrasando-o, sepultando sem piedade, nos escombros, os seus defensores.

E' o eterno fluxo e refluxo da vida; e o novo tempo que secula o velho é como a planta que nasce, floresce, dá fruto e morre deixando lançada a nova semente, que dará dobrada vida e dobrado fruto; são os modernos valores que, plenos de vitalidade e exuberantes de seiva e beleza, abrem caminho por entre os velhos, impondo-se-lhes e enterrando-os para sempre.

E' isto. As leis que regem o universo são as que regem toda a vida, e elas são as que molda a vida a seu gosto, sem que ninguém tenha a força suficiente para opor-se aos seus desígnios.

Pois, interpor-se-lhes, é o mesmo que se um passar se interpusse e quisesse com o seu corpo dêbil deter um combóio em marcha.

As leis evolutivas e transformativas fazem evolucional e transformar incessantemente as coisas, mudando sempre o meio. E como vós, pobres cegos! vos agarráis ao passado, sem vos aperceberdes que o passado morre, morrereis porque não poderes adaptar-vos ao meio e este acabará por vos.

Tanto mais que ela é o fruto do raciocínio. E como todos os homens podem raciocinar, eis o facto porque o próprio verduro é suscetível de conceber a mesma ideia da sua vítima. Por isto, o luminoso ideal libertário mil vezes perseguido, para não dizer sempre, tem triunfado dos seus perseguidores, surgindo cada vez mais brilhante, mais humano, e afirmando-se sempre mais e melhor.

E' como os raios do sol que penetram

em tribunais para nos assassinar friamente, premeditadamente.

Entre nós há doentes—doentes a quem um longo e duro encarceramento rouba para sempre a saúde. A deportação para esses é a morte. E quantos há que ainda conservem a saúde ao fim de tão longos, bárbaros e torturantes suplicios?

Queremos ser julgados: responder pelos nossos actos, bons ou maus, de que nos acusam. Queremos que a verdade se desculpe e brilhe com fulgor, de maneira a não deixar dúvida a ninguém sobre o que somos e o que fizemos, sobre o que nos acusam e quem nos acusa.

Agora, deportados não. Que o operário se erga e evite que sejam atirados para a África a fim de irmos dormir o sono da morte, junto às sepulturas das três vidas de Vitorino Godinho.

Salve-nos a vida a tímica classe que tem autoridade moral para se revoltar contra o crime e confundir os criminosos.

**Os presos da esquadra do Caminho Novo**

Manuel Viegas Carrascalão, Hilário Gonçalves, António Luís Júnior, Júlio da Anunciação, Adolfo Joaquim de Sousa, Francisco Ramos Graça, José da Silva, Paulo Soares, Severiano Faria Coelho, Rodrigo Rodrigues, Manuel Tavares da Silva, José Górdio.

Em prol do camarada José da Silva Costa, dedicado e activo militante da Juventude Sindicalista e da Organização Sindical, realizou-se amanhã uma festa no Salão da C. Civil, com o seguinte programa:

representação das peças "Bandidos" e "Menina", pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, certame de fados (pelos grupos "Propagadores do fado" e "Cultores do fado"). Abrilhanta o espectáculo o grupo musical "O Cravo".

**Pró José da Silva Costa**

Em prol do camarada José da Silva Costa, dedicado e activo militante da Juventude Sindicalista e da Organização Sindical, realizou-se amanhã uma festa no Salão da C. Civil, com o seguinte programa:

representação das peças "Bandidos" e "Menina", pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, certame de fados (pelos grupos "Propagadores do fado" e "Cultores do fado"). Abrilhanta o espectáculo o grupo musical "O Cravo".

**Pró António Brás**

No sábado, 5 do próximo mês, realiza-se no Salão da Construção Civil, às 21 horas, um espetáculo dedicado a António Brás, no qual toma parte o grupo dramático "Os Sociais".

Representar-se-há o drama, em 3 actos,

"Erro Judicial", segundo-se variações à guitarra e canção nacional.

**Por Joaquim Lima**

Por Joaquim Lima foi entregue a António Brás a quantia de 13\$50 de uma queite que para auxílio deste foi tirada entre os carpinteiros de branco do Arsenal da Marinha.

**Por Joaquim dos Santos**

Por Joaquim dos Santos, foi entregue na administração deste jornal a importância de 15\$50, proveniente de uma queite aberta entre os delegados do Teatro Tívoli, para os presos sociais.

**Por Joaquim dos Santos**

Por Joaquim dos Santos, foi entregue na administração deste jornal a importância de 15\$50, proveniente de uma queite aberta entre os delegados do Teatro Tívoli, para os presos sociais.

**Por Joaquim dos Santos**

Por Joaquim dos Santos, foi entregue na administração deste jornal a importância de 15\$50, proveniente de uma queite aberta entre os delegados do Teatro Tívoli, para os presos sociais.

**Por Joaquim dos Santos**

Por Joaquim dos Santos, foi entregue na administração deste jornal a importância de 15\$50, proveniente de uma queite aberta entre os delegados do Teatro Tívoli, para os presos sociais.

**Por Joaquim dos Santos**

Por Joaquim dos Santos, foi entregue na administração deste jornal a importância de 15\$50, proveniente de uma queite aberta entre os delegados do Teatro Tívoli, para os presos sociais.

**Por**